

Sem medo de aparentar pieguice...

Ana Marangoni

Acredito que uma das coisas mais interessantes a caracterizar o CRUSP dos anos 60 era a ternura existente nas relações entre as pessoas, provida de uma grande singeleza, podendo até parecer, aos olhos de hoje, ditada por alguma ingenuidade.

Não sei.

Só sei que era muito bom, e de forma alguma se constituiu em obstáculo para nosso amadurecimento. Não era e não pode ser vista como sinal de ingenuidade ou infantilidade, mesmo nas despreziosas brincadeiras. Havia, é claro, gente mais e gente menos madura, e mesmo isso levava a que muitos dos primeiros se mostrassem mais carinhosos e até indulgentes com os segundos.

E para minha grande alegria, hoje dá para sentir que essa ternura é uma das características que não se desvaneceram com o passar do tempo. Basta dar uma olhada nas mensagens trocadas entre os membros deste grupo. Como não se desvaneceu também o espírito competitivo, a garra, o interesse pelo mundo. E mais as turras, as cutucadas mútuas, o bom humor sério e quase sempre constante. É certo, parece claro, que nem tudo era ternura, nem tudo era de um relacionamento harmônico, linear, suave: o CRUSP era um paraíso, mas não um paraíso celeste. Às vezes, por certo, éramos angelicais(!!!); outras vezes... bem.....- há causos e causos a relembrar.

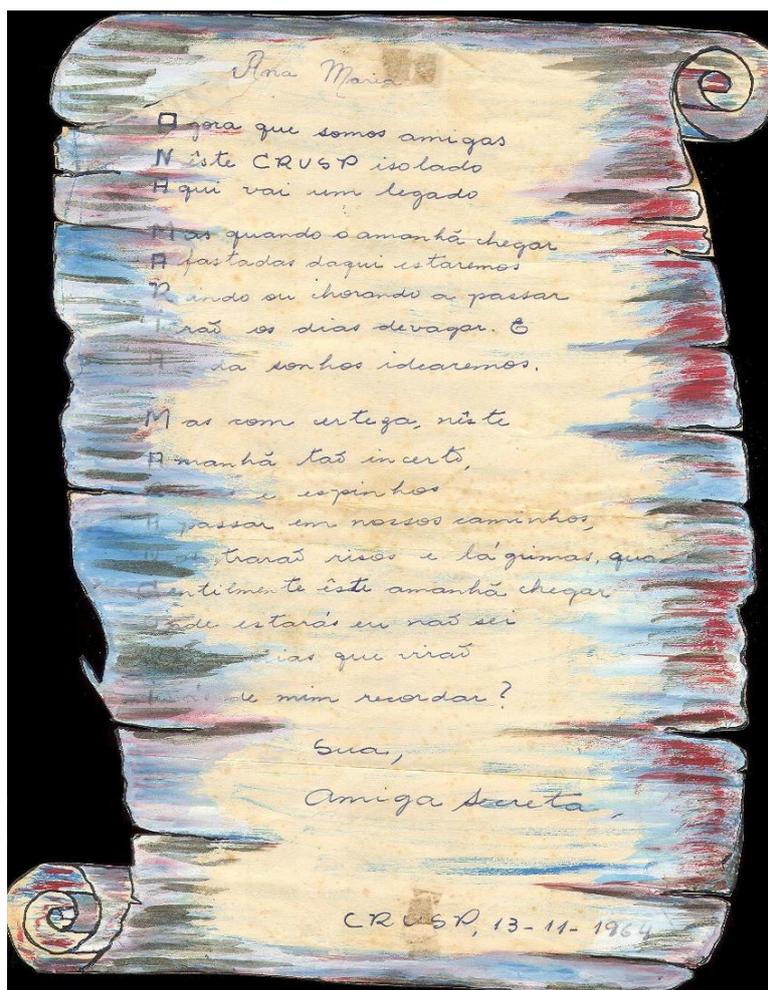
Alguns episódios "bonitinhos": ainda em 1963, lá por outubro, logo após o congresso da OEA, houve uma grande ventania, e nem me lembro de onde, voaram algumas placas de isopor (material meio raro, naquele tempo) que ficaram grudadas no alambrado com que foram cercados os prédios, para o tal congresso. Pois bem: alguns de nós fizeram valer seus dotes artísticos, e foram criados bonecos de neve e outros enfeites de natal, depois colados nas portas dos apartamentos (mesmo nos daqueles que não acreditavam em Papai Noel!). Amigo secreto também era brincadeira de certa novidade, não sendo a troca de presentes a coisa principal; tenho recordações das de 1963 e 1964. Também em 1963 e 1964 moradoras não deixaram passar em branco o Dia das Crianças, e muitos dos meninos receberam seu presente (carrinho, caminhãozinho, etc.).

Muitas meninas demonstravam certos cuidados até maternos; por exemplo: algumas até aconselhavam colegas a beber menos chope, a moderar a linguagem, fumar menos, estudar mais... Os cuidados de companheirismo eram constantes: pioneiros organizavam grupos para ir esperar, no primeiro ponto de ônibus depois do Butantã, as meninas que faziam curso noturno na cidade, principalmente na Maria Antonia; mais tarde, quando da realização de passeatas, já pelos anos de 1967/68, organizavam-se grupos para cuidar das esfoladuras e alguns hematomas dos que porventura os sofriam.

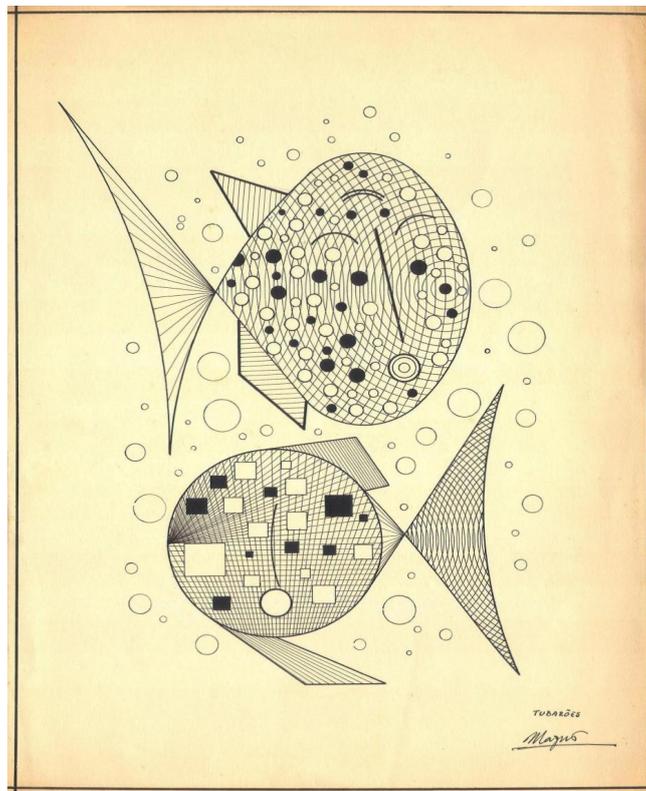
Os rapazes tinham, no geral, cuidados que hoje talvez soem até engraçados, como o de não levar muitas das meninas (as que pudessem sentir-se chocadas com palavrões, por exemplo) a festas que julgassem mais "pesadas" (entenda-se: onde se dissessem muitos palavrões, ou onde se passasse além da conta na cerveja, e coisas assim; nada a ver, porém, com as baladas ou *raves* de hoje).

Terminando, anexo duas das recordações materiais que ficaram entre meus guardados: um pergaminho com acróstico, de 1964, recebido da "amiga secreta", e um quadro feito pelo Magno (quem tem notícias dele? – fazia Poli, e era irmão do Moacyr Bezerra dos Santos, também politécnico), e em cujo verso estão as condições de doação. Parece-me que ambos são bons indicativos do carinho e da ternura de que falo.

- Ana Marangoni



Premonitório? A querida "amiga secreta" parece que antevia, com seu "ainda sonhos idearemos", este nosso momento de retomada e exposição de lembranças individuais e coletivas do CRUSP68, com alguns dos mesmos e mais novos sonhos e projetos.



(v. verso, a seguir)

*À Aninha,
meu lambuzo de
meu amigo Magnus
São Paulo, março de 66*

.....juramento.....

Juro que, em toda a minha vida, não permitirei jamais que outros olhos vejam tão hedionda obra.

Assim procedendo, estarei evitando a avacalhão da arte e da reputação do meu amigo, pobre coitado, autor disto.

São Paulo, 10 de março de 1.966.

ANA MARIA MARANGONI

*Obs.: Sentindo com o consentimento do autor
pode a Aninha ficar dispensada deste juramento.*
Magnus

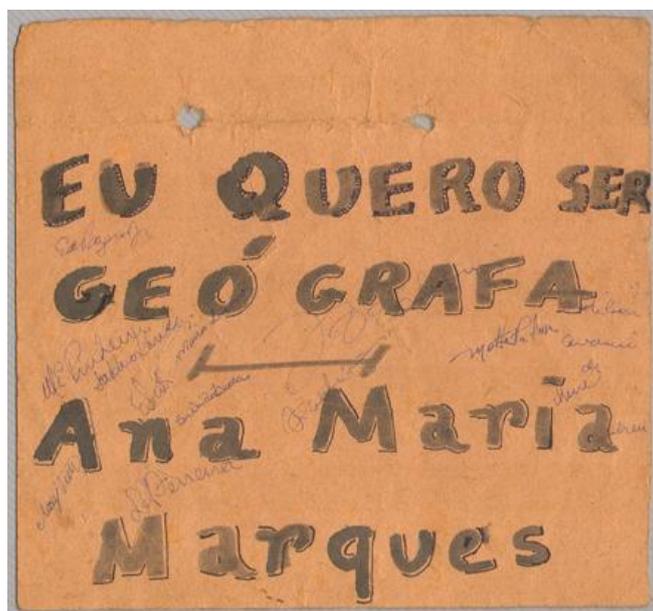
TAMBÉM TIVE UMA DESSA...

Ana Marangoni



Por ocasião dos jogos, muitos de nós, alunos de História e de Geografia, íamos, principalmente na hora de almoço, tietar (a expressão ainda não existia) os atletas dos jogos. Nós, calouras da Geografia, levávamos uma certa vantagem no chamar atenção, pois estávamos em “estado de trote”, portando obrigatoriamente, no campus, uma placa de cartolina, em que estava escrito “Eu quero ser geógrafa”, além de um guizo amarrado ao tornozelo. Vantagem, porque os atletas vinham perguntar: “Eu quero ser heôgrafa – que és eso?”.

E estavam iniciadas as conversas, e dados os autógrafos. Fomos, inclusive, assistir à abertura dos Jogos, no Pacaembu – foi a primeira (e acho que única) vez que ouvi e vi, ao vivo e em cores, uma salva de tiros de canhão. Também durante os jogos foi a primeira vez que me escandalizei com a falta de educação da maioria de nossos atletas, que não davam a mínima para a execução do Hino Nacional; já os de Trinidad y Tobago, se não me engano, recusaram-se a receber suas medalhas enquanto a Banda da Força Pública não recebesse a partitura de seu hino, e o executasse.



"Crachá" de caloura, com assinaturas dos colegas de turma.

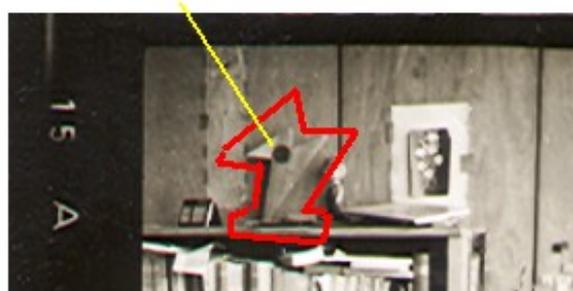


"Crachá" de caloura, verso, com autógrafos de atletas do Pan-1963.

Adquiri, nesse então, tanto os postais cujas cópias já fazem parte do Álbum CRUSP-68, como uma medalha igual à da ilustração, que resolvi usar num modelo de troféu inspirado no Fantasmilha (símbolo que também foi usado nas camisetas de nossos atletas, o que se pode ver em algumas fotos do CRUSP68). O modelo (foto abaixo) era feito em madeira, e também podia – vejam só! – ser usado como suporte para despertador.



Medalha do Pan



E o que aconteceu com tal troféu? Levei-o a uma reunião noturna de representantes, no 101 do F. Terminada a reunião, saímos todos, e ao chegar ao 511-D, percebi que tinha esquecido o modelo no F. Voltei e, ao abrir a porta de entrada do apartamento, ouvi vozes no que seria o quarto de um apartamento habitado, e que estava fechado. Parei um instante, não gostei do pouco que cheguei a ouvir (não me lembro e nem gostaria de lembrar de quem eram as vozes), fui embora e... nunca mais vi nem o modelo de troféu, nem a medalha e nem o despertadorzinho Europa.

Fim do "causo".

Obs. – A estante da foto era minha, no 511-D. Ao lado do modelo citado, está o boneco do Pimentinha, da Maria Elisa, que de vez em quando era seqüestrado e devolvido após resgate, quase sempre um guaraná (*se a imprensa pós-64 tivesse sabido disso, certamente teria havido uma reportagem sobre a má índole dos estudantes, mais tarde, talvez citando o caso como de treinamento para seqüestros de verdade! Antes que alguém faça tal ilação: essa brincadeira era feita em tempo anterior ao governo militar, de cuja futura existência não poderíamos sequer cogitar*). Depois que a Isinha se formou, não me lembro do porquê, o Pimentinha ficou no meu apartamento, e estava até a semana passada à espera de que eu tivesse o endereço de sua legítima dona, para devolvê-lo – graças ao CRUSP68, pude encaminhá-lo na quinta-feira; sem necessidade de qualquer resgate, claro!

– Ana Marangoni